

público que recebe os serviços do Hospital Universitário - HU. Sentido social é o que falta! A comissão do Patrimônio Cultural não existia. Era só Comissão do Patrimônio Arquitetônico. Fiz com que ela se transformasse em cultural mesmo, isto é, incluir os museus, o SIBI (Sistema Intergrado de Bibliotecas), e aí, já surgiu um projeto lindíssimo, que é um projeto conjunto da Comissão de Patrimônio Cultural com o SIBI. Minha idéia foi transformar a C.P.C. numa espécie de SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) da Universidade, que é no que ela vem se transformando. Ela não pode ser só o patrimônio arquitetônico. Nós temos museus, laboratórios, bibliotecas e obras raras. Nós vamos publicar catálogos dos séculos XVI, XVII e XVIII. O catálogo do século XVI já tem 400 obras raras no mínimo. Obras raras! Não só antigas, mas muito raras. Isso é patrimônio cultural da Universidade. Então para fechar, eu quis fazer com que a pró-reitoria de Cultura e Extensão assumisse este lado cultural que estava, a meu ver, pouco explicitado. Por isso, muita gente me diz que fui mais pró-reitor de Cultura do que de Extensão. Creio que isso é verdade. Fui mesmo, porque acredito que a parte de Extensão vive por si.

L.D.: Professor, muito obrigada, em nome de **Linha d'Água** e de seus leitores

## Artigo

### O ULTRA JOVEM ÁLVARES DE AZEVEDO

Roberto de Oliveira Brandão

#### Resumo:

*O estudo que se segue da obra de Álvares de Azevedo destaca, além da multiplicidade de suas direções, a tendência de ir além dos limites então praticado pelos poetas brasileiros da época romântica. Por tais aspectos, e também pela consciência que ele tinha dos problemas literários e de sua própria poesia, ainda hoje pode ser lido com interesse.*

#### Palavras-chave:

*Álvares de Azevedo, Poesia romântica, Romantismo brasileiro.*

Como personalidade poética, o paulista Álvares de Azevedo (1831-1852) é certamente o nosso mais típico romântico. Paradoxalmente, isso o aproxima dos modernos, sobretudo pela mistura que ele opera entre os elementos mais contraditórios.

Sua inclinação romântica a transpor todos os limites o leva a se distinguir dos seus pares brasileiros: de Gonçalves Dias pelo desequilíbrio entre o tumultuoso da inspiração e uma sensibilidade capaz de captar traços do ambiente em que vive; de Casimiro de Abreu pela fixação nos limites do "eu" ao mesmo tempo em que se entrega a uma imaginação aventureira; de Junqueira Freire pela proximidade entre o amor recatado e tímido e uma profusa fantasia erótico-amorosa; de Castro Alves pela união de uma moldura psicológica das imagens da natureza e a apreensão da realidade cotidiana, mistura até então considerada como apoética no interior dos gêneros sérios.

Se é verdade, como sugere a crítica, que muito dos seus excessos de imaginação e de forma se devem a uma confluência de vários fatores, entre os quais, a fase praticamente de adolescente em que produziu sua obra, ou então, a influência da leitura dos românticos europeus, sobretudo o "misterioso Bretão

\* Professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo

de *ardentes sonhos*", como o poeta se refere a Byron, o fato é que, pela amplitude de sua produção criativa e crítica -- basta lembrar que em poucos anos de atividade fez incursões simultaneamente pelos campos da poesia (*Lira dos Vinte Anos*, *Poesias Diversas*, *O Conde Lopo*, *O Livro de Fra Gonticário* e *O Poema do Frade*, este último a que Joaquim Norberto chamou de "delírio poético"), do teatro (*Macário*), do conto fantástico (*A Noite na Taverna*), dos vários estudos histórico-literários e os discursos acadêmicos, Álvares de Azevedo ocupa lugar de destaque na literatura brasileira do século XIX. E, certamente, mais elevado seria esse lugar se tivesse tido tempo para amadurecer os frutos que sua obra prometia.

Acrescente-se ao aspecto da diversidade dos gêneros com que exerceu seu talento, a aguda consciência que manifesta em relação à divisão da própria poesia.

Enquanto na primeira parte da *Lira dos Vinte Anos* o poeta revela, bem romanticamente, a insegurança de quem se inicia na atividade poética, sentimento que é reforçado pelas sensações de perda e de carência cujas imagens vai buscar na natureza, a eterna caixa de ressonância do coração romântico: "São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiã não têm a doçura dos seus cânticos de amor. É uma lira, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma coroa de folhas, mas sem viço... São as páginas despedaçadas de um livro não lido...", no prefácio à segunda parte da obra, o poeta adverte o leitor: "Cuidado. leitor, ao voltar esta página! Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar num mundo novo, terra fantástica, verdadeira ilha Baratária de D. Quichote, onde Sancho é rei; e vivem Panurgio, sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenório: -- a pátria dos sonhos de Cervantes e Shakespeare. Quase depois de Ariel esbarramos em Caliban".

Relacionando as duas partes da *Lira dos Vinte Anos*, ele as define como uma criação fundada na duplicidade: "Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces". Como vemos, ao menos enquanto formulação, estamos longe da idéia clássica de unidade e muito próximos do que modernamente se designaria como "polifonia" ou "dialogismo" (Bakhtin) ou então das noções de fragmentação do sujeito nas teorias contemporâneas. Refletindo, cada um a seu modo, essas tendências, Fernando Pessoa criou seus heterônimos e o nosso Mário de Andrade disse: "Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta".

Em relação aos temas, denuncia Álvares de Azevedo o esgotamento do sentimentalismo "desde Werter e René", o que de certo modo o põe à frente de seus contemporâneos, pela capacidade de apontar um problema que só posteriormente seria sentido e formulado. Ao mesmo tempo, é capaz de perceber o rendimento crítico de uma postura sincrônica ao considerar mais

atuais certas figuras de Rabelais e de Shakespeare por oposição "a todas as ternuras elegíacas dessa poesia de arremedo que anda na moda".

Mas ele alinha outra razão para explicar o abandono da poesia que "cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de oiro": é que, "por espírito de contradição", o ser humano sempre busca o oposto daquilo que o tem saturado. Nesse momento, seguindo ainda a exposição do poeta, o homem assume sua condição terrena, material, anti-heróica, incluindo-se, como necessária, a realidade prosaica do mundo: "O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem, *Homo sum*, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem artérias -- isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia". Mais adiante, o poeta assinala a relação complementar entre os pólos "abstrato/real", realçando, agora anti-romanticamente, este último: "-- Todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade formosa da bela mulher a quem amamos".

Se essa profissão de fé "realista" do prefácio da segunda parte da *Lira dos Vinte Anos* não teve nos poemas que a compõem a extensão prometida ou se não foi senão o exercício de um puro imaginário poético -- não devemos nos esquecer que o poeta morreu com pouco mais de vinte anos --, a verdade é que, pelo que fez e pelo que formulou como problemas literários, a obra de Álvares de Azevedo se distingue dos outros poetas de seu tempo e ainda hoje pode ser lida com interesse.

\*\*\*

#### Sugestões de trabalho:

1. Explique com suas palavras algumas diferenças existentes entre os prefácios das duas partes da *Lira dos Vinte Anos*. Você pode tomar como partida estes dois fragmentos:

a) "Cantos espontâneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou, -- como isso dou a lume essas harmonias." (PREFÁCIO À LIRA DOS VINTE ANOS);

b) "O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem, *Homo sum*, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem artérias -- isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia." (PREFÁCIO À SEGUNDA PARTE DA LIRA DOS VINTE ANOS)

2. Caracterize como o subjetivismo e a fantasia conferem predicados humanos à natureza em versos como estes:

Pálida estrela! o canto do crepúsculo  
Acorda-te no céu;  
Ergue-te nua na floresta morta  
Do teu doirado véu!

(CREPÚSCULO NAS MONTANHAS)

3. Mostre, nos versos que se seguem, como Álvares de Azevedo, embora romântico, é capaz de apreender com distanciamento e objetividade a ficção literária, ao mesmo tempo em que anima de tons de ironia e de *humour* os objetos do seu cotidiano:

Junto do leito meus poetas dormem  
-- O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron --  
Na mesa confundidos. Junto deles  
Meu velho candeeiro se espreguiça  
E parece pedir a formatura.

(IDÉIAS ÍNTIMAS)

## BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Álvares de. **Obras Completas**(1853). 8a. ed. Organizada por Homero Pires. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942. 2v.
- ROCHA, Hilton (Seleção e Apresentação de). **Álvares de Azevedo, Poemas Malditos**. 2a. ed. São Paulo, Francisco Alves, 1987.
- CÂNDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira** (Momentos Decisivos). 2a. ed., revista. São Paulo, Martins, s/d. 2v.
- AMORA, Antônio Soares. **O Romantismo** (1833-1838 /1878-1881). 4a. ed. São Paulo, Cultrix, 1973.

### Abstract:

*The following study, about Álvares de Azevedo's works, emphasizes the poet's multiple directions and the tendency of going beyond the limits established by the romantic Brazilian poets.. Because of these aspects and also because of the consequence he had about literary problems and his own poetry, one can still read his work with interest.*

### Keywords:

*Álvares de Azevedo, Romantic Poetry, Brazilian Romanticism.*